

CONSCIÊNCIA CRÍTICA SURDA MUDA: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA FORMATIVA ESCOLAR

CRITICAL CONSCIOUSNESS DECEASES CHANGE: REFLECTIONS ON SCHOOL TRAINING EXPERIENCE

Marta Regina Furlan de Oliveira¹
Anilde Tombolato Tavares da Silva²
Zuleika Aparecida Claro Piassa³

Resumo

Este ensaio teórico se propõe a abordar a temática “Consciência Crítica surda muda: reflexões sobre a experiência formativa escolar”, no sentido de refletir sobre o que se compreende por processo formativo no contexto da sociedade regida pelo modelo de racionalidade instrumental que converte as relações humanas em meras relações de produção e mercadoria. A metodologia é um estudo teórico à luz da obra *Mínima Moral* com o aforismo “Instituição para surdos-mudos” de Theodor Adorno em sintonia com as leituras secundárias discutidas no GEPEI/UEL – Grupo de Estudos em Pesquisa e Educação e no projeto de pesquisa “Semiformação e educação no contexto da sociedade danificada: para além do território demarcado” da Universidade Estadual de Londrina. Os resultados direcionam para o desafio de pensar a experiência formativa no seu sentido emancipatório, como possibilidade de resistência ao instituído pela indústria cultural e razão instrumental, devolvendo, efetivamente, aos espaços educativos e ao professor o exercício de sua atividade intelectual com a crítica imanente e a autorreflexão.

Palavras-chave: Semiformação; Formação Docente; Teoria Crítica.

Abstract

This theoretical essay proposes to approach the theme "Consciousness Critical deaf mute: reflections on the formative school experience", in the sense of reflecting on what is understood by the formative process in the context of the society governed by the model of instrumental rationality that converts human relations in mere relations of production and merchandise. The methodology is a theoretical study in the light of the work Morima with the aphorism "Institution for the deaf-mutes" of Theodor Adorno in line with the secondary readings discussed in GEPEI / UEL - Group of Studies in Research and Education and in the research project " Semiformation and education in the context of damaged society: beyond the

¹ Professora do Depto. de Educação da UEL - mfurlan.uel@gmail.com

² Professora associada ao Depto. de Educação da UEL (Centro de comunicação, Educação e Artes)-Email: anildetombolato@gmail.com

³ Professora assistente do Depto. De Educação da UEL - zupiassa@gmail.com

demarcated territory "of the State University of Londrina. The results point to the challenge of thinking the formative experience in its emancipatory sense, as a possibility of resistance to the instituted by the cultural industry and instrumental reason, effectively returning to the educational spaces and to the teacher the exercise of his intellectual activity with the immanent and the self-reflection.

Keywords: Semiformation; Teacher Training; Critical Theory.

Introdução

Pensando no contexto educacional contemporâneo e na própria influência da Indústria Cultural no processo semiformativo, podemos compreender o clamor de Adorno (1995, p. 15) ao propor a possibilidade de “contrapor-se a tal ausência de consciência”, provocada por uma realidade em que a cultura se converte unicamente em valor de mercadoria, deixando de ser a voz que expressa, mas a que silencia. E assim, nos alerta que, nos dias de hoje, essa reconciliação entre o indivíduo e a sociedade é forçada, principalmente, se determinada pelas relações sociais que exigem a universalização da semiformação e, por que não dizer, da nossa educação danificada.

A partir de algumas categorias de análise oriundas do pensamento de Theodor Adorno, este texto constitui-se de uma tentativa de refletir sobre o que se compreende por processo formativo, no contexto de uma sociedade regida por um modelo de racionalidade que converte as relações humanas em meras relações de produção. Para essa discussão utilizamos a obra *Minima Moralia* de Theodor Adorno em sintonia com as leituras secundárias discutidas no GEPEI/UEL – Grupo de Estudos em Pesquisa e Educação e no projeto de pesquisa “Semiformação e educação no contexto da sociedade danificada: para além do território demarcado” da Universidade Estadual de Londrina.

Tomando como base o aforismo “Instituição para Surdos-Mudos”, pretendemos contribuir para esta reflexão de repensar a escola e a experiência formativa escolar e, desse modo, buscar novas direções pedagógicas que estejam mais adequadas às problemáticas educacionais para o trabalho voltado ao pensar crítico educacional. Consideramos necessária esta análise diante dos possíveis equívocos que são decorrentes das teorias modernas da pedagogia e da educação, que acabam influenciando as práticas pedagógicas escolares com o enfraquecimento da experiência do pensar crítico e, a fragilização do saber propriamente dito.

Nossa preocupação foi acompanhar o movimento do pensamento dos autores da Teoria Crítica acerca do tema e, a partir disso, construir nosso próprio percurso para compreender a formação pedagógica docente neste contexto social vigente, com vista à superação do processo semiformativo pelo processo da emancipação humana. Nesse sentido, há a necessidade urgente de ativarmos o papel da educação e do ensino como possibilidade geradora da capacidade de resistência à barbárie.

Neste estudo, buscamos também na educação e na prática educativa, os limites e a possibilidade de se assumir a escola como espaço de produção do novo, do não dito, do não pensado em detrimento do que já está instituído, no sentido de ativar a capacidade individual dos sujeitos envolvidos no que se refere ao processo de resistência aos ditames estabelecidos pela lógica industrial vigente. Desse modo, o desafio é pensar a experiência formativa no seu sentido emancipatório, como possibilidade de resistência ao instituído pela indústria cultural e razão instrumental, devolvendo, efetivamente, aos espaços educativos e ao professor o exercício de sua atividade intelectual com a crítica imanente e a autorreflexão.

Em tempos de formação danificada

Presenciamos, desde o século XX, a ascensão da tecnologia com o potencial de renovação, que paralelamente transformou o processo produtivo e econômico, mas também abriu espaço para mudanças no campo da própria cultura, alterando as possibilidades de pensar a arte, o lazer e as práticas formativas. Nesse contexto social, criam-se novos espaços de vivência, novas formas de comunicação do olhar e das expressões corporais que praticamente foram extirpadas e substituídas por “clics” e pressionar de teclas ou apenas um deslizar de dedos, transformando as relações em virtuais.

A produção maciça dos meios tecnológicos, de produtos culturais, redes sociais virtuais que vão inundando nosso cotidiano põe em jogo outro dilema: não mais o de difundir modelos culturais para as massas como propunha-se na década de 40 do século passado, mas buscar maneiras para mobilizar os sentidos que já vem sendo moldados pelos estímulos constantes da mídia, desde o nascimento. Uma rede de estímulos, de símbolos, de saberes em constante transformação, fruto da tecnologia produz necessidades compulsivas de consumo

num processo onde os sentidos são domesticados e respondem aos estímulos, sem que haja tempo para que deles se aproprie e seja possível uma autorreflexão, conduzindo assim a um pensamento estereotipado.

Essa realidade envolvida pela tecnificação do conhecimento contribui para as tendências de desaparecimento da figura do indivíduo autônomo e reflexivo em função do poder cego dos coletivos que são estabelecidos pelos padrões da sociedade industrial e mercantilizada. Diante disso, vemos uma certa ilusão de progresso que demanda a própria reprodução da barbárie.

Assim, conforme Zuin (1999) é estarrecedor esse cenário atual em que mesmo com as condições objetivas de eliminação da fome da face da terra, ao invés disso, o que observamos é a reprodução da miséria e da barbárie. Segundo o autor: “possuímos o aparato técnico que nos capacita a atingir finalmente a tão sonhada e prometida liberdade, porém, acostumamo-nos cada vez mais com a perene reprodução das necessidades” (ZUIN, 1999, p. 7).

Em relação a educação danificada em que as relações sociais se produzem de maneira forçadas, Adorno e Horkheimer (1985, p. 47) alertam-nos para o processo de regressão das massas e a incapacidade atual dos indivíduos de “poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas”. Os autores complementam que, pela mediação da sociedade total, todas as relações e emoções e os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltará a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força.

Desse modo, o atual “homem da multidão”, expressão usada por Zuin (1999 p. 20) tem sua identidade fragmentada em múltiplas funções diante do contato com os atuais aparatos tecnológicos de distração, tais como a televisão e o computador e da própria unificação do pensamento e da semiformação. Diante disso, podemos afirmar, conforme Zuin (1999 p. 25) que “a mão que afaga é a mesma que fere”, quando a técnica que poderia nos auxiliar e nos libertar, é a mesma que nos amarra e nos empobrece enquanto humano, ou seja:

Atualmente temos as condições objetivas de simplesmente eliminar a fome da face da terra e, ao invés disso, o que observamos é justamente a reprodução da miséria e da barbárie. Possuímos o aparato técnico que nos capacita atingir finalmente a tão sonhada e prometida liberdade, porém nos

acostumamos cada vez mais com a perene reprodução das necessidades (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2008, p. 45-46).

Adorno (1995) também traz sua contribuição quando enfatiza a percepção subjetiva das crianças, principalmente diante da mercadoria. O autor afirma:

A forma equivalente deforma todas as percepções: tudo aquilo em que não reluz mais a luz de sua própria determinação, como “gosto pelo que fazem” empalidece diante do olhar. [...] O desencantamento do mundo sensível é a reação do *sensorium* à determinação objetiva desse mundo como ‘mundo de mercadorias’ [...]. (ADORNO, 1995, p. 199).

Sob o ponto de vista da educação, pensando sobre a experiência formativa atual, esta estereotipia está presente na organização dos espaços e tempos escolares, seja na organização dos componentes curriculares, seja nos recursos didáticos tecnológicos, num incentivo ao aprimoramento do trabalho pedagógico que se destina a tornar a aprendizagem mais rápida e eficiente, retirando, no entanto, seu caráter formador. De certa forma, essa ausência de um caráter formador crítico possibilita pensar nas contribuições de Hannah Arendt (2007) com a abordagem relacionada a crise da autoridade e, conseqüentemente, a crise da educação. No campo educacional a suposta crise está na recusa da autoridade pelos adultos, de assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram nossas crianças e, como isso mergulhamos na tendência do desamparo da criança recém-chegada em um contexto social no qual as novas gerações são relegadas ao abandono e, a própria formação danificada.

Mediante esse processo analítico do conhecimento e do ensino, percebemos que o processo educacional, nesse sentido, fica restrito à aplicação de técnicas e a experiência do pensar é minimizada e limitada, reduzindo-se à utilidade, como afirma Adorno (1993, p. 129) “enquanto as escolas treinam os homens no discurso, como também nos primeiros auxílios às vítimas dos acidentes de tráfego e na construção de planadores, os instruídos tornam-se cada vez mais mudos”. Há a evidência de uma educação que, permeada pelas teorias modernas de aprendizagem, conduzem seus alunos para o ensino prático em substituição aos fundamentos teóricos do saber. O conhecimento petrificado, privilegia, nesse sentido, a inculcação de habilidades, ocasionando a transformação das escolas em instituições vocacionais voltados

para o aprendizado pela prática, direcionando os olhares educativos para a tal competência do saber fazer, que não mais é do que a própria instrumentalização do ensino.

O aforismo de Adorno nos permite refletir sobre o empobrecimento da capacidade de realizar experiências nos espaços formativos, abordando a escola enquanto mediadora do atrofiamento do intelecto e da narrativa. Professores e alunos são adestrados no uso da palavra, emudecendo sua capacidade de pensar, falar e relacionar-se com os outros. As vozes dos falantes são substituídas por um “mecanismo socialmente preparado”, cujas falhas são respondidas por desespero e pânico (ADORNO, 1993 p. 129). A escola se volta para o adestramento de habilidades relacionadas ao processo de comunicação e interação social. Os espaços formativos escolares na qualidade de expressão às mudanças sociais mais amplas, tem reproduzido ações pedagógicas ideologicamente marcadas pela indústria do consumo, da mercadoria e da padronização do pensamento (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

O aforismo reflete a escola como um “asilo de surdos mudos” pelo exercício do ventriloquismo educativo, tornando os sujeitos envolvidos (professores e alunos) cada vez mais mudos, apontando fortes tendências de declínio da capacidade de realizar experiências que são realimentadas pelo sistema escolar. Nesse sentido, Adorno (1993) esclarece que “no sistema abarcador a fala se converte em ventriloquia. Cada um é seu ventríloco. No conjunto, as palavras se igualam às fórmulas que outrora eram reservadas para o cumprimento e a despedida.”(p. 133) Um modelo em que os sujeitos são formados para aumentar seu valor no mercado e não pra compreender o mundo em que vivem. No ensaio *Educação após Auschwitz*, Adorno denominou esse modelo de caráter manipulador como “consciência coisificada”, ou seja, pessoas se concebem a si próprias como coisas e igualmente concebem as outras da mesma forma. (ADORNO, 1995, p. 130).

A educação escolar tem se voltado cada vez mais para o adestramento das habilidades, dentre as quais a de se comunicar, onde a retórica passa a ser mais um instrumento ao qual contribui para o esvaziamento da possibilidade de expressão: “[...] de um modo geral, as palavras começam a parecer aquelas fórmulas habitualmente reservadas para a saudação ou para a despedida” (ADORNO, 1993, p. 120), que se limita na frieza de um “Oi” ou um “tudo bem?”.

A capacidade de comunicação transforma-se em comunicado artificial, em que a verdadeira comunicação é rompida e esvaziada. A espontaneidade e a objetividade no tratamento comunicativo desaparecem, mesmo no âmbito mais íntimo. “As vozes dos falantes

são substituídas por um mecanismo socialmente preparado” (ADORNO, 1973, p. 120). A conversação não exprime mais a comunicação e os alunos emudecem cada vez mais, atrofiando a capacidade de falarem um com os outros.

Pela instrumentalização da razão, o processo educacional é restrito à aplicação de técnicas e a experiência do pensar é minimizada e limitada, reduzindo-se à utilidade. O conhecimento formativo rende-se aos aparatos técnicos que criam mecanismos educativos de sedução e convencimento. O pensamento pedagógico é esvaziado, ao invés de ressignificado pela reflexão e crítica. As experiências formativas dão lugar ao silêncio e emudecimento humano, prevalecendo, desse modo, a lógica do pensamento instrumental e repetitivo, com características de padronização e redução da razão à sua dimensão instrumental e utilitarista, assim como aponta o fragmento *Instituição para surdos-mudos*.

Adorno, nesse sentido, analisa as tendências de decaída da linguagem no campo educacional, em que a comunicação é reduzida a seus aspectos formais e instrumentais. Esse processo de emudecimento e adestramento apontado no aforismo de Adorno remete-nos a pensar acerca da prática de sistema de *apostilamento pedagógico* que molda professores e crianças a um tipo de adestramento intelectual, sem que haja a possibilidade da experiência do pensar e da produção de uma consciência autônoma. Ao contrário, induz professores e alunos ao processo de conformismo, adaptação e aprisionamento intelectual do indivíduo que reafirma a consciência crítica “surda muda”. Esse movimento de conformação do sujeito à técnica garante a ilusão e o poder mágico de que essa forma de trabalho educativo seja digna de uma educação promotora de experiência.

Há a conciliação da escola à indústria cultural pelo alto investimento de arranjos técnicos que se firmam ser pedagógicos e propiciadores de experiências formativas do pensar, tanto de alunos e professores. Ao mesmo tempo o profissional pedagógico é privado da possibilidade de uma formação digna e que lhe garanta o conhecimento crítico e elaborado, resultando, em sua maioria, no processo de desqualificação dos conteúdos formativos na profissão do magistério. Há, segundo Adorno (1995, p.55), uma tendência a valorização dos aspectos formais e técnicos do ensino, do que a “autoconscientização viva do espírito” que, de certa forma, está desconectada de suas dimensões formativas críticas e emancipatórias do conhecimento. Há, ainda, segundo pressupostos adornianos a ausência da reflexão intelectual e a tendência de absorção de visões estereotipadas que se propagam no processo formativo

para o magistério, como fórmulas milagrosas do saber docente sobre o trabalho educativo com os alunos, descrevendo os contornos da consciência coisificada.

Os profissionais são envolvidos por processos semiformativos com uso de “receituários” que se traduzem em técnicas eficazes para “solucionar” os conflitos e tensões educacionais. De fato, a semiformação não se confina meramente ao espírito (intelecto), adultera também a vida sensorial com a propagação de uma certa racionalidade que, na verdade, é em si mesma irracional.

Eles são capazes de fazer conferências, suas frases qualificam-nos para o microfone diante do qual se veem colocados como representantes da média das pessoas, mas a capacidade de falarem uns com os outros se atrofia. Pois estas pressupõem ao mesmo tempo experiências dignas de serem comunicadas, liberdade de expressão, independência, e ao mesmo tempo, relacionamento (ADORNO, 1995, p. 120).

Adorno, nesse sentido, enfatiza que o antídoto contra a semiformação e barbárie consiste na ênfase sobre a capacidade individual de reflexão, autodeterminação e não-participação (ADORNO, 1995, p.125), ou seja, conduz-nos no processo de compreensão da necessidade imperiosa de resistência individual ao poder cego dos coletivos. Nesse sentido, apresenta o imperativo de desbarbarização como possibilidade dialética de reverter o quadro em que os processos semiformativos tornam-se *locus* de assujeitamento e acomodação ao *status quo*. Quando a formação cultural reduz-se ao processo de semiformação/razão instrumental, com a onipresença do espírito alienado o indivíduo, entregue a si mesmo e aos padrões do consumo e da mercadoria, necessita dedicar-se a um esforço de autorreflexão que possa reverter sua recaída na barbárie.

De fato, os frankfurtianos anunciam em suas obras a ideia do humano, sua realização nos homens mediante a emancipação do indivíduo pelo processo de autodeterminação e autoconsciência, sua liberdade, sua realização social. Entretanto, esse processo exige desenvolvimento pela emancipação do indivíduo e libertação do processo de dominação, um processo auto reflexivo e crítico pelo homem que impulse e estimule o pensamento.

Considerações finais: em busca da emancipação

Conforme aponta Adorno (1995), há a necessidade de se pensar na educação de escolar pelo princípio da autoridade esclarecida, ou seja, na própria formação e atuação dos professores em que pelo processo da reflexão possibilita novos olhares para essa sociedade e para o próprio processo da Indústria Cultural e da barbárie; quando tem o papel de orientação e intervenção na função do esclarecimento e da desbarbarização pela superação da ação humana passiva e inofensiva.

Pelo processo da educação desde a primeira infância, pode-se pensar na possibilidade da autorreflexão crítica (ADORNO, 1995). Desse modo, pensar na formação cultural com vistas a emancipação se faz urgente e necessária para que haja a busca pela tomada de consciência dos professores desde o trabalho com a primeira infância, quando com uma concepção clara a respeito dos fetiches sociais e tecnológicos, provocam no processo educativo, a experiência da reflexão juntamente com os alunos (ADORNO, 1995). Sobre esse assunto, Arendt (2007) nos adverte que a autoridade do professor sobre o processo educativo do ensino minimiza a possível vulnerabilidade da criança diante do contexto educacional e social.

Cabe ressaltar, conforme já descrito, que os impedimentos a essa reversão são analisados por Adorno com ênfase no deslumbramento pelo processo tecnológico que se deixam levar profissionais da educação, no caso específico, anulando sua postura de autoridade pedagógica, mediante a reprodução do sistema industrial e instrumental que, com suas exigências, descarregam sobre os indivíduos tão dura e despoticamente, que cada um dos profissionais não podem se manter firme diante das perdidas imagens e formas que entrelaça o processo semiformativo. Mera atividade repetidora, incapaz de traduzir-se em experiências narráveis do conhecimento é o cenário que vamos construindo na agressiva luz da semiformação.

Lytard já analisava os rumos da cultura, ou de sua “morte” como parte dos homens, pelo empobrecimento de sua experiência com a verdadeira cultura em privilégio ao desenvolvimento de um conteúdo procedural voltado a *performance social* (leia-se mercado), à competição em um mercado voraz, alijando a humanidade de um legado que ela mesma construiu para se edificar.

Adorno (1993), faz referência ao falar, no sentido de dominar profundamente a matéria do mérito de um diálogo, criticando justamente a preocupação com o desempenho em um debate, em detrimento de uma experiência de comunicação humanizadora. Em suas palavras “o falar adota um gesto perverso. Faz-se dele um desporto. Deseja-se alcançar as maiores pontuações: não há conversação em que não se insinue como um veneno a ocasião da aposta” (p. 129). Mais adiante Adorno completa que o diálogo, que poderia ser um momento de interação dignamente humano torna-se uma disputa por ter razão. O desafio aqui é o de pensar a experiência formativa no seu sentido emancipatório, como possibilidade de resistência devolvendo, efetivamente, aos espaços educativos e ao professor o exercício de sua autoridade diante de sua atividade e experiência intelectual verdadeira, uma vez que, “a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu” (ADORNO, 1996, p. 410).

O profissional que atua neste contexto atual tem o desafio de articular os conhecimentos e leituras de mundo nas práticas pedagógicas com a tomada de consciência em favor da superação da capacidade formal e unificadora do pensar. Diante das reflexões anteriores, é inegável que existe consenso de que a principal tarefa da escola é desenvolver nos alunos a capacidade de pensar e de tomar decisões, o que significa ir além das formas reprodutivistas do pensamento e do conhecimento preestabelecidos. Desta forma, pensar a experiência formativa, apreendida em seu sentido emancipatório, abre a perspectiva de resistência ao saber instituído. Para tanto, parte-se do pressuposto de que é por meio da educação que podemos pensar a constituição de um sujeito autônomo, capaz de ter novas experiências, na tarefa de transformação do mundo. Desse modo, acredita-se que a educação constitui o espaço no qual é possível tornar a ação humana significativa no mundo à luz da emancipação.

A educação tem o poder de explorar caminhos no sentido de desenvolver, no interior de cada indivíduo um potencial não realizado pelos modelos incutidos pela semiformação. Esse processo pode nos conduzir ao projeto de emancipação e a filosofia adorniana contribui para a ruptura do modelo formativo vigente.

É inegável que existe consenso de que a principal tarefa da escola é desenvolver nos alunos a capacidade de pensar e de tomar decisões, o que significa ir além das formas reprodutoras e cerceadoras do pensamento e do conhecimento preestabelecido. Em Adorno buscamos um arcabouço substancial de análise para a educação e para o trabalho docente,

com vistas à resistência frente ao que está instituído pelos padrões sociais, econômicos, culturais e educacionais. Pela educação, enquanto processo de análise e reflexão dialética sobre o desenvolvimento e a decadência da cultura e da sociedade, há a possibilidade de se estabelecer práticas de resistência contra a barbárie pela experiência de autorreflexão e autodeterminação pelos indivíduos.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Mínima moralia**: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang L. Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T.W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. 2. ed. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ADORNO, T. W. Teoria da Semicultura. **Educação e Sociedade**, ano XVII, Campinas-SP, v. , n. 56, p. 388-411, dez. 1996.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LYOTARD, Jean-François. **A condição Pós-moderna**. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Indústria Cultural e Educação**: o novo canto da sereia. Campinas: Autores Associados, 1999.